

**FACULDADE DE PATOS DE MINAS
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

KARINA ROBERTA SILVA

**RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: UM PROBLEMA HISTÓRICO E CULTURAL**

**PATOS DE MINAS
2010**

KARINA ROBERTA SILVA

**RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: UM PROBLEMA HISTÓRICO E CULTURAL**

Monografia apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Rones A. Cândido

**PATOS DE MINAS
2010**

37.014.511	SILVA, Karina Roberta
S586r	Relação de gênero nas aulas de educação física: um problema histórico – Orientadora: Prof. Ms.. Rones A. Candido. Patos de Minas/MG: [s.n], 2010. 43p.: il. Monografia de Graduação - Faculdade Patos de Minas. Curso de Licenciatura em Educação Física

KARINA ROBERTA SILVA

RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: UM PROBLEMA HISTÓRICO E CULTURAL

Monografia aprovada em _____ de novembro de 2010, pela comissão examinadora constituída pelos professores:

Orientador: _____
Prof.
Faculdade Patos de Minas

Examinador: _____
Prof.
Faculdade Patos de Minas

Examinador: _____
Prof.
Faculdade Patos de Minas

Expresso a Deus meu eterno agradecimento pelo seu amor e compaixão. Os meus familiares, principalmente meus pais Luiz e Vanilda. E ao professor Ms. Prof. Ms.. Rones A. Cândido pela contribuição na conclusão desse trabalho.

O coração alegre é bom remédio, mais o espírito abatido faz secar os ossos.

Pv 17:22

RESUMO

O presente trabalho tem como tema Relações de gênero nas aulas de educação física: um problema histórico e cultural. No primeiro capítulo foi feita uma viagem a história do Brasil abordando sua cultura, costumes, meio de colonização, os habitantes, estilo de vida, a importância da colonização, como viviam as mulheres e homens desta época e como eram educados seus filhos. No segundo capítulo iremos abordar a importância do gênero como prática educacional enfocará a importância do gênero dentro do contexto educacional, o papel do professor, a discriminação, aulas mistas, quando devem ser mistas e quando devem ser separadas, o contexto social, a importância de preservar o aluno e como lidar com as divergências e convergências entre os alunos enfatizando questões biológicas e hormonais. No terceiro capítulo discutiu sobre a importância do professor para com o aluno, a formação do caráter da criança e do adolescente, a importância da presença familiar dentro da escola, o papel da instituição de ensino como entidade sócia educadora e o espaço físico escolar. A metodologia utilizado para a conclusão deste trabalho foi apoiado em varias pesquisas bibliográficas de grandes autores que também trabalham este assunto e buscam o conhecimento visando o interesse de cada um com pesquisas coerentes a este assunto. Podemos concluir que o trabalho será de grande valia para pesquisas futuras e de grande ajuda para sociedade procurando sanar algumas duvidas dentro do contexto de gênero que possa servir de apoio a todos que nele buscar informação.

Palavras-chave: Escola. Cultura. Preconceito.

ABSTRACT

This work has the theme of gender relations in physical education classes: a historical and cultural problem. In the first chapter was a journey made history in Brazil addressing their culture, customs, way of colonization, the people, lifestyle, the importance of colonization, as did the women and men in this age and how their children were educated. In the second chapter we discuss the importance of gender as an educational practice will focus on the importance of gender within the educational context, the role of teacher, discrimination, mixed classes, when they should be mixed and must be removed when the social context, the importance of preserve the student and how to handle the differences and similarities among students emphasizing biological and hormonal issues. In the third chapter discussed the importance of the teacher to the student, the character formation of children and adolescents, the importance of family presence within the school, the role of the educational institution as a separate member educator and the physical space. The methodology used to complete this work was supported by several literature searches of great authors who are also working this issue and seek knowledge seeking the interest of each consistent with research on this subject. We conclude that the work will be valuable for future research and helpful to society looking solve some doubts within the context of gender that can serve as a support to all who seek information on it.

Key-words: School. Culture. Prejudice.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ONU - Organização das Nações Unidas

RJ - Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	RELAÇÕES DE GÊNERO: UM BREVE HISTÓRICO DESSE TEMA NO BRASIL.	16
2.1	Brasil Colonial.....	16
2.1.1	Colonizados pela “fé”	19
2.2	Brasil imperial	19
2.3	Brasil primeira república.....	21
2.3.1	O Preconceito	23
2.3.2	Sociedade republicana.....	24
3	GÊNERO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ÂMBITO ESCOLAR.....	26
3.1	O conflito de gênero nas aulas de educação física diferenças e semelhanças	28
3.2	Hormônios a flor da pele.....	33
4	IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	35
4.1	A importância do espaço físico escolar	37
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	41
	ANEXOS	43

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo faz uma prevê do contexto histórico e cultural da sociedade e seus costumes, crenças, cultura, passado e o presente, como podem viver em sociedade, o que levou o Brasil a ter tantas diferenças de gênero. Colocara- se a prova da historia uma prevê que prevê o ensinamento o meio de vida as perspectivas de vida imposta por esta historia o Brasil visto de longe. O que leva o Brasil a tantas diversidades foi o meio de colonização, a influencia dos povos, crenças, costumes, um pais repleto de portugueses, franceses, holandeses, mulatas, mulatos, brancos, negros, negras, índios, índias, uma flora de culturas totalmente aprimoradas com o tempo. É de fato, o presente assunto passa desde o período colonial até o Brasil republicano. Baseados em autores da historia do Brasil e em livros, biografias de autores, artigos que relata a historia da diversidade do Brasil (SAMARA, 1983).

Este trabalho traz a cultura, revela o passado, os costumes, a vida privada da mulher, os deveres de ser mãe, a vida do homem, os deveres de pai, a formação do gênero, a influencia da igreja, a omissão.

Resgata a percepção do meio de vida, história, relações culturais, passando a buscar o entendimento mais amplo da vivencia do homem e da mulher.

E complexo a questão de gênero quando se trata de um pais de com tantas culturas, crenças, no entanto esse estudo vem a abrir uma janela por meio da historia sobre como e quando começa a questionar as relações de gênero no Brasil seu contexto social e sua influencia nas aulas de educação física.

Quando falamos do contexto gênero mostramos uma realidade cotidiana nas aulas de educação, física o aluno se vê de encontro com varias contradições como as culturais.

No entanto, Segundo Louro (1997) a discussão no campo social constrói e se reproduz devido as relações entre os sujeitos. Dessa forma as justificativa para a desigualdade precisaria ser buscada não nas diferenças biológicas, mas sim arranjos sociais, história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

Afirmando, a influência que a sociedade tem sobre este assunto, pode notar que vem crescendo a influencia do sistema social na vida e no cotidiano, portanto o presente trabalho tem como objetivo estar sanando duvidas e expondo um ponto de vista social, cultural e histórico.

Autores afirmam que não basta somente um ambiente social preparado e disposto a tentativa de mudanças, deve haver uma discussão mutua entre ambos os lados tanto sociedade (escolas, creches...) quanto família (pais ou responsável legal).

Atualmente deveria ser de comum crescimento, porém se encontra ainda a sociedade com pensamentos arcaicos. Dessa forma o trabalho aqui sendo feito, tem com intuito de resgatar e expor o contexto histórico e porquê o contexto gênero influenciado pelo passado muda o presente.

De acordo à narrativa histórica de Michel (1983), a colocação da mulher no mercado de trabalho se dá pela via da filantropia que é usada pela mulher da classe dominante como reação para sair do isolamento do lar. Segundo a autora, a importância dada à vida familiar e a casa pelas classes médias, desde o século XVII, fortaleceu a ideologia dos papéis domésticos e educativos para o feminino. De igual modo, as mulheres dos meios populares reagem ao isolamento do lar, buscando alternativas de forma coletiva. Assim, saem juntas para exigir a paz e como domésticas denunciam ao parlamento seus horários exaustivos, sufocantes, enquanto as comerciantes protestam contra as prisões por dívidas.

Uma sociedade marcada pela trajetória histórica tenta sair do sufoco buscando um caminho alternativo para sanar o trabalho abusivo. Muitas mulheres lutam por liberdade de expressão e não só as mulheres como homens também, por isso deve-se realizar um estudo dentro deste contexto de relações de gênero, afinal implica a sociedade com ambiente de trabalho, escolas, instituições, a família. Todos estes conceitos são importantes e devem ser julgados de extrema importância no mundo de hoje.

Dentro da área educação física a um grande preconceito sobre o assunto de homens realizando ginástica artística, é difícil para sociedade ver um homem dançando balé, por exemplo, vários homens machistas acham absurda a pratica e critica com risos de deboches, por final o homem com vergonha dos amigos acaba largando a pratica do esporte e se envolvendo em esportes para meninos como futebol e luta livre.

Desde o aparecimento da humanidade a dança tem sido utilizada para vários fins servindo como elemento de comunicação e afirmação e dando – lhe possibilidade de viver plenamente, através de seu próprio corpo, os símbolos de seus inconscientes, liberando diretamente suas emoções reprimidas por tabus culturais (D'AQUINO, 2005).

Todos têm o direito de escolha e liberdade, aquele que e reprimido ou oprimido por suas escolhas esta sofrendo preconceito. Não podemos tratar as questões de gênero como mero acaso da vida social. A cada minuto que passa varias pessoas são vitimas de preconceitos no Brasil.

Nas próprias escolas a um tipo de preconceito notável dentro das aulas de educação física e alguns educadores podem perceber isso claramente são os chamados de bullying.

Dentro da escola, nas aulas de educação física, observamos inúmeras vezes a ocorrência de divisões entre homens e mulheres de forma nítida, quando professores forçam padrões discriminatórios de comportamento em seu discurso e ação docente. A escola, de forma geral, enquanto formadora dessa sociedade, vem contribuindo para que perdue uma divisão sexista, permitindo a transmissão de valores de discriminação. (FONSECA, pag. 800, 2008).

A escola tem como missão estruturar e buscar o convívio entre os alunos proporcionando a eles uma visão bem formada de um corpo docente apto e disposta a trabalhar para formação de um bom cidadão sem preconceitos. E não e fácil para o professor formar este tipo de aluno devido a influencias da sociedade

LOURO (2003) menciona que a educação física é um palco privilegiado para preocupação das relações da sexualidade das crianças, apesar de estar presente em todas as situações escolares, mas na educação física escolar é explícito e constante, devido ao contato do corpo.

A educação física escolar esta presente no cotidiano e na vida do aluno e a partir do momento que ele entra na escola ela já começa a fazer parte deste plano. De acordo com a teoria dos papéis sociais, explanada por Berger (1998), a sociedade é que determina o que fazemos como também o que somos. Logo assimilamos que realmente a sociedade como um todo tem grande participação na vida privada tanto que ela é quem determina os atenuante para uma boa moral social.

A história do esporte é marcada por uma grande distinção entre as atividades físicas que poderiam ser praticadas por homens e por mulheres (SOUZA; KNIJNIK, 2003).

É importante ressaltar que atividade física não é nominal ao masculino nem ao feminino e uma atividade para ambos os sexos sem distinção de raça, classe social, etnia.

A educação escolar favorece os agrupamentos por sexo, reforçando-os através de atitudes, palavras e rituais que vão incutindo nas crianças a idéia de separação de meninos e meninas. Hoje no Brasil infelizmente ainda temos mentes pequenas e retrogradadas que não apóiam o esporte mutuo entre homens e mulheres esquecem que é daí que começa a se formar indivíduos sem preconceito tanto sexual quanto moral (PEREIRA; MOURÃO, 2005).

A competição desportiva oferece benefícios no que diz respeito à educação e a socialização, já que proporciona experiências de atividade em equipe, colocando a criança frente a situações de vitória e derrota (JUZWIAK, 2000).

A vida de cada ser humano é contemplada por grandes pessoas que em um ritmo continuo estão ao lado e só aprende a conviver e respeitar o próximo sem diferenciar sexo quando passa a entender que homens e mulheres vivem no mesmo mundo compostos de varias experiências compartilhando cada fato.

Quanto maior o preconceito menor é a razão quanto maior a razão menor o preconceito.

ALTMANN (2002) afirma que o gênero, idade, força e habilidade (dentre outros possíveis critérios) formam um emaranhado de exclusões durante as aulas e recreios.

O dever do professor é estabelecer uma forma de lecionar que envolva todos os alunos e os coloque para raciocinar sem medo de errar, sem o receio de estar sentado perto de meninas ou meninos. No obstante, o professor tem que estar atento à prática pedagógica e como irá aplicar dentro das aulas de educação física. O importante é saber como o aluno irá agir a cada aula: comportamento físico e psíquico. Pois assim ele poderá ter uma visão mais igualitária de cada aluno.

Quanto à formação física cada aluno disponibiliza de uma característica única e diferente. Já na visão pessoal e mental o será formado de acordo com a sua família e sua cultura.

Segundo Scott (1990), o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais diversas e são baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e um primeiro modo de significar relações de poder. Embora essas condições sejam diversificadas dependendo do tempo e de cada época ou conforme seja a abordagem. Ou seja, a questão gênero, a cada época, entra em uma nova fase ou constitui-se de novos conceitos no avançar do tempo.

O gênero é também uma estrutura muito mais complexa do que as dicotomias dos "papéis sexuais" ou a biologia reprodutiva.

Connell (1995) aborda que por meio de opiniões de vários autores que o gênero não faz parte só de um tempo. A cada época ele vem trocando de papel de acordo com a vivência do homem e da mulher tanto na vida social quanto na pessoal as questões de gênero se tornam cada vez mais complicadas de se estudar e de se vivenciar, mas através das questões culturais podemos fazer uma árvore biológica do que seria esta árvore onde podemos buscar nesta árvore as raízes como iremos distinguir e concluir um sistema de gênero para que possamos entender o porquê de tanto preconceito a resposta seria começar a estudar e questionar mais e mais dentro da sociedade e dentro das escolas com as famílias com os amigos, professores, o estudo das relações de gênero visa buscar esta resposta visa ultrapassar questões e visões sociais de cada estado de cada cultura de vivências e experiência. Afinal cada um tem uma experiência diferenciada e diversificada cada menino cada menina cada ser humano tem vivências diferenciada e não podem ser julgados por causa de suas vivências sociais.

Para Nunan (2003) o preconceito é histórico e socialmente construído, e o mesmo gera a discriminação, que é o comportamento, o modo de agir do grupo social.

O preconceito pode ser hostil ou negativo para determinado grupo, gerando atitudes de raiva e repulsa que é a discriminação. O preconceito é um ato que as vezes não condiz com o pensamento do sujeito mas sim com a sua vivência tanto familiar quanto social, pois o tal preconceito poderá ocorrer na própria família ou no ambiente escolar. Alguns meninos acham que jogar futebol é um esporte voltado pra área masculina, mas não é isto e apenas uma questão cultural que passa de geração para geração confirmando mais uma vez que a questão do gênero é passada de acordo com a época e o tempo algumas questões vão perdurar por

muitos e muitos anos e séculos. O estudo deste assunto é importante para quebrar tabu e esclarecer para muitos que é entendido por poucos (NUNAN, 2003).

O estudo será estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo iremos abordar sobre o contexto histórico e cultural de nosso país, enfocando o Brasil ainda quando colônia de Portugal, estilo de vida, a educação herdada e a primeira escola no Brasil. Ainda no primeiro capítulo ressalta a primeira constituição brasileira, implantação do sistema Liceus de ensino.

No segundo capítulo aborda sobre o gênero quanto prática esportiva no âmbito escolar e a prática pedagógica, os jogos mistos - quando devem ser mistos - o conflito hormonal na vida dos adolescentes, quais seriam as diferenças e semelhanças na questão do gênero dentro do contexto educacional, quando se divide estes adolescentes, a reação frente ao sexo oposto (machismo e feminismo) e suas influências futuras.

No terceiro capítulo continuamos a questionar e contextualizar o assunto sobre a formação do aluno, o desenvolvimento físico e moral perante o ciclo de amizade, a integração da escola com a família e os amigos.

O que procuramos com este estudo acadêmico é questionar o porquê ainda hoje existem tantos preconceitos nesta área, tanta a informação do professor quanto a questão de gênero e tentar sanada duvidam a respeito do assunto e sua posição diante da escola. Bem como o educador deve se comportar diante de uma situação de discriminação quando ocorre dentro da escola, um fato deste porte e qual a atitude a ser tomada.

2 RELAÇÕES DE GÊNERO: UM BREVE HISTORICO DESSE TEMA NO BRASIL.

2.1 Brasil Colonial

Desde a chegada dos portugueses no Brasil quando ainda era colônia de Portugal em 1500 ate o ano de 1822, o Brasil já tinha uma imagem distorcida da mulher, elas não tinham nenhum poder nesta época e nenhuma participação política, pois no período colonial as mulheres eram criadas apenas cuidar do lar e dos filhos. Dessa forma, sob a organização do Antigo Sistema Colonial, a vida feminina estava restrita ao bom desempenho doméstico e na assistência moral à família, fortalecendo seus laços (SAMARA, 1983).

Samara (1983) ainda ressalta que as funções da mulher era viver em um mundo recluso dentro de suas casas. A igreja por sua vez ostentava regras para consolidação do matrimônio como um ponto de partida, pois toda mulher que se prezava tinha a obrigação de se casar e estabelecer relações matrimoniais. Assim julgava necessário, que o homem garantisse a segurança, não só da mulher como da família formada.

A Igreja, por sua vez, apresentava o matrimônio como sinônimo de segurança e proteção. Ao transferir para a Colônia uma legislação civil e religiosa que só reconhecia o estatuto social da mulher casada e mãe, a Igreja apertava o cerco em torno das formas não sacramentadas de convívio (DEL PRIORE, 1993).

A mulher tem o dever de se casar e constituir uma família ou não era considerada parte da legislação, assim se forma mais uma incumbência da igreja, ou seja, mais uma lei imposta, pois naquela época a igreja tinha o controle sob a sociedade. Desde o período colonial as mulheres são consideradas de sexo frágeis e submissas as condições impostas.

Deste modo, a Igreja ensinava que a mulher deveria aceitar ter uma imagem de pureza, submissão, exercer somente atividades como: cuidar da casa, do marido,

dos filhos, borda e costurar. Caso a mulher se voltar contra tal estipulação, seria considerada como rebelde e contra os princípios “celestiais”, sendo exposta como blasfemadora desses ensinamentos (PEREIRA, 2010).

A mulher era considerada incapaz perante a igreja. O matrimônio era imposto a elas como sinal de obter o título de uma mulher de boa moral e bons costumes, pois toda a mulher que se prezasse tinha o dever de constituir uma família e cuidar dos afazeres domésticos e filhos. Esta ação era imposta a mulheres de alta classe social, pois sua família era conservadora dos bons costumes e seguiam as leis da igreja. Já as de classe baixas consideradas populacionais estas sofriam abuso sexual e eram praticamente obrigadas a serem mães solteiras, a imagem da mulher de elite se opõe à promiscuidade e à lascívia da mulher de classe subalterna, em regra mulata e índia (DEL PRIORE, 1993).

Em alguns casos em que os maridos ficavam muito tempo longe de casa estas mulheres submissas e de baixo poder aquisitivo tomavam a liderança da casa e durante este período as mulheres que eram consideradas fora dos padrões sociais. Neste caso não existia o casamento apenas o concubinato, pois devido à ausência dos homens que tinham que sair para trabalhar fora ficava meses longe de casa e muitos não voltavam para suas casas, muitas mulheres tiveram que assumir a chefia da casa sozinhas e sem estruturação alguma neste período a união de mães e filhos se tornavam cada vez mais forte e mais presente em suas famílias dando início a divisões de tarefas domésticas para conseguirem sobreviver sem o apoio do homem na família.

Segundo Del Priore (1989), a relação concubinária dava origem ao sistema não muito bem visto pela igreja, pois em algumas famílias a convivência de filhos ilegítimos com filhos legítimos era considerada normal para os que ali viviam e para os praticantes deste ato tinham consciência tranquila em relação à ação cometida. A igreja se opunha a este meio de vida, diziam que quando a família vivia em situação de promiscuidade os filhos que ali viviam mutuamente feriam os bons costumes e poderia gerar outras formas de convívio sexual inaceitável pela igreja. A realidade colonial era a de lares pequenos e famílias com estruturas simplificadas.

Longe do plano de mães solteiras que além de ter que cuidar dos seus filhos, também cuidava dos outros filhos que os homens tinham com outras mulheres. É importante ressaltar que naquela época não existia somente as mulheres brancas a população também era construídas de mulheres negras, índias e as chamadas

mestiças, período de miscigenação de portugueses e índias. Os colonizadores que vinham de Portugal não trouxeram com ele sua mulher, os filhos, a mãe e a sogra. Assim sendo, o nobre veio a mando do Rei como convidado a ser parceiro de um negócio lucrativo (PRADO, 1983).

Segundo Del Priore (1993) na época eram reconhecidas pela igreja como pecada perante as relações concubinárias, pois a igreja era a favor do matrimônio e incentivavam a sociedade a seguir os conceitos do casamento, pois como já dito o matrimônio trazia uma certa estabilidade as famílias para evitar o abandono e o descaso dos homens que trabalhavam fora e devido a negação do casamento não tinham a responsabilidade de voltar para a família pois as relações concubinárias não era sinônimo de responsabilidade.

Realmente para a mulher a condições de ser mãe eram impostas cedo demais, já os homens tinham outras responsabilidades a serem cumpridas perante a sociedade que eram mais simplificadas devido aos costumes obtinham o poder de sair sem serem incomodados ou julgados pelos atos boêmios, pois afinal o homem era visto como um forte, imagem de superioridade.

Os filhos mais velhos ajudavam seus pais na lida das fazendas, cuidavam dos negócios da família. Os homens tinham o direito de ser alfabetizados e criados para ser o farol para guiar e sustentar suas famílias. Meninos e meninas tinham a educação diferenciada mesmo se fosse contra vontade deles, pois era a cultura da época. As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais depois substituída pela tirania dos maridos (FREYRE, 1975).

Os homens tinham que agir de forma machista sem cavalheirismo não poderiam ter nenhum tipo de delicadeza, tinha que ser fortes e robustos. Mesmo quando crianças eram tratadas como adultos, homens rudes, ásperos e preconceituosos, afinal foi a criação oferecida pelos seus pais.

Suas preocupações civilizaram o mais breve possível, adquirindo as cicatrizes gloriosas dos combates com Vênus. Já as mulheres quanto à educação estas não poderiam ser letradas, pois na época era considerada heresia social. Então se torna uma sociedade de mulheres analfabetas sem formação. Pois se as mulheres comesçassem a estudar poderiam se dotar de sabedoria e largariam os afazeres domésticos e desrespeitariam seus maridos (FREYRE, 1975).

As mulheres que quisessem aprender a ler deveriam se dirigir aos conventos, instituições sob o poder da Igreja Católica Romana, que tinham funções longe de serem educacionais, e sim econômicas e políticas (DEBRET, 1975).

2.1.1 Colonizados pela “fé”

Falar da colonização do Brasil e também ressaltar o papel da igreja na sociedade colonizada mandada pelo rei de Portugal com o intuito de catequizar os índios instalados no Brasil por volta do século XVI os primeiros a chegarem foram chamados de a Companhia de Jesus que estalou uma dos primeiros colégios e claro apoiados na catequização com intuito de propagação da fé. Da Companhia de Jesus surge os jesuítas os mais responsáveis pelo ensinamento cristã e por difundir e evangelizar os índios. Os colégios jesuítas acolhiam em suas aulas nativas alunos do sexo masculino (crianças e adultos). Porém os jesuítas gerou muitos conflitos entre os colonizadores portugueses devido aos critérios de como evangelizavam os índios.

A chegada dessa ordem provoca sem dúvida, grandes modificações e rompimentos aos costumes, saberes, estilos de vida que os índios pertencentes aos locais adentrados pelos jesuítas, enfim, grande aculturação e de cultuação no leque de inúmeros acontecimentos inseridos.

Esses religiosos, na intenção de levar a religião aos índios, considerados como “seres sem cultura”, se infiltram não somente nos locais determinados, mas também, acabam tendo condutas contrárias ao que sua ordem pedia, acumulando bens, desrespeitando os princípios de religiosos a missão em terras desconhecidas, onde deixam sua marca que modifica radicalmente a história desse povo (TEIXEIRA, 2007).

2.2 Brasil imperial

Com a vinda da família real para o Brasil foi um período de transição e representou uma verdadeira descoberta para o Brasil. A abertura dos portos

significou a permissão dada aos brasileiros de tomar conhecimento de que existia no mundo, um fenômeno chamado civilização e cultura (LIMA, 1997).

Ângela (1997) relata nitidamente o papel da mulher na sociedade onde estas mulheres eram submissas as obrigações do lar.

Neste período o nascimento de uma nova mulher nas relações chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um solido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido e as crianças (MARIA, 1997).

Os costumes e a consolidação da mulher no âmbito familiar ficava ainda mais fortes naquela época, na sociedade elas tinham que privar o bom costume imposto na época e se portarem com grande afetividade, feminilidade e astucia perante a sociedade burguesa. O homem sempre de barba ou bigode se vestia como ingleses e tinham como características o fardamento das diversas ordens, com guarda roupa composto de calças, calções e camisas.

Homens tinham um auto teor de superioridade, pois foram criados para serem fortes e destemidos sem nenhum sentimento de afetividade, dispostos a trabalhar cuidar das obrigações masculinas que eram cuidar das fazendas e casar-se para perpetuação de uma família unida e de bons costumes (LIMA, 1997).

Embora a constituição de 1824 (BRASIL, 2003 a) não tendo em seus artigos os anseios da assembléia de 1823, estes não foram totalmente ignorados, pois a carta outorgada em 1824 previa em seu art. 179, XXXI a instrução primaria e gratuita a todos os cidadãos.

A carta magna previa a educação como direito, assegurando inclusive que a educação elementar seria gratuita, o direito à educação não se constituiu em atividade pratica, pois a população continuou sem qualquer oportunidade de acesso ao ensino formal.

Propunham por volta de 1830 a abertura de escolas para meninas. Surge em Niterói (RJ) a primeira escola brasileira. Infelizmente pela dimensão do país a educação brasileira perde mais uma vez, obtendo pouco resultado.

Em 1880 o Ministro Paulino de Souza lamenta o abandono da educação no Brasil. Com abertura destas escolas a educação passou dos colégios de padres às aulas das escolas régias. Pois antes da fragmentação das escolas existia no Brasil um legado dedicado ao ensino, mas na época eram ministrados pelos jesuítas.

Mesmo com a expulsão deles em 1759 os feitos na área da educação por eles permaneciam por muito tempo (CLARETIANO, 2002).

Mesmo com a criação do sistema Liceus incluído no Brasil como já dito antes criada por D. Pedro I influenciado pela França este sistema não pode ser implantado, pois os métodos jesuítas ou jesuitismo chegaram a anular o método enciclopedismo e chegou a ser considerado crime passível de prisão no ano de 1794.

A educação passou dos colégios de padres às aulas das escolas régias, com mestres de formação deficientes, ou nos próprios latifúndios, com os padres-mestres, que, de capelães passam a professores e espessa ignorância e ausência absoluta de senso pedagógico.

Alguns atenuantes que torna possível a presença deste ensino jesuíta o tipo de cultura, a família que e totalmente patriarcal a qual a sociedade era distinguida da população nativa. A influencia de Portugal que era bem diferente com as necessidades do nosso país.

2.3 Brasil primeira república

Nicolau (2003) argumenta que o advento da ordem republicana foi marcado por uma serie continua de crises políticas. Todos foram marcados por grandes ondas de deposições, degolas, exílios, deportações, que atingiram em primeiro lugar as elites do Império e o seu vasto circulo de clientes, mas tendo em seguida nos dois últimos movimentos a eliminar também a cena política os grupos comprometidos com os anseios populares mais latentes e envolvidos nas correntes populares mais fervidas do republicanismo.

A imagem da mulher republicana, que desde os primórdios coloniais conseguiu consolidar e perpetuar todo um conjunto de valores que expressavam a submissão da mulher perante a sociedade, atribuiu a missão de ser a reprodutora e administradora do lar. Deste modo, toda a sua formação estava relacionada às prendas domestica.

A educação feminina inexistia na sociedade brasileira e durante, anos, esse foi um fato ignorado que resultou na exclusão da mulher na educação.

Almeida (1998) menciona no centro da consciência educativa e da reflexão pedagógica o problema do gênero. Colocaram em dúvida o modelo tradicional de formação caracterizado como “sexista” vinculado apenas ao modelo masculino, visto como superior e universal, mas na realidade marcado pelos preconceitos do machismo do domínio à violência, ao racionalismo abstrato e formal à repressão e submissão dos instintos, portanto como ocultador negador do “segundo sexo”.

Almeida (1998) argumenta a omissão e desvalorização da mulher e a submissão que é imposta ao sexo feminino, uma comparação do modelo masculino e feminino posto que o feminino venha em um segundo plano. A imagem da mulher republicana era distorcida, rebaixada. A mulher não tinha direito no ramo da política, seu único direito era de ficar em casa cuidar de seus filhos e afazeres. Mas em 1835 esta realidade mudou pelo menos na área educacional, a mulher consegue o direito de seguir uma profissão como normalista e começa a surgir a primeira escola “Normal” para mulheres claro que primeiramente foi criada para os homens, mas no decorrer da primeira república as mulheres contribuíram bastante para a formação feminina.

Assim, percebemos que a mudança oriunda da Primeira República ainda que lentas, foram significativas para o desenvolvimento de novos papéis femininos. O modelo criado desde a colônia já não correspondia às exigências da urbanização brasileira, percebendo que não era mais possível manter a mulher no mesmo estado de ignorância e isolamento (SILVA, 2009).

Depois de constatar que a mulher tinha mais experiência devido a sua afeição a família e seus afazeres domésticos tinham mais aptidão para lecionar, pois era dotada de amor e delicadeza com mais disposição a ensinar e se tornar educadora. O que no passado a deixava enclausurada dentro de casa. Hoje em um Brasil republicano a liberta para um novo mundo dotado de saber e de novas experiências.

Pode-se dizer que o modo de escolarização jesuíta finalmente estava caindo, pois começava a surgir um novo meio de escolarização. Antes a igreja lecionava e ensinava não só os índios como a burguesia. Já no período republicano começa a cair o sistema da igreja e começa a erguer um novo meio de ensino.

A nova ordem social desenhada pelo modo de produção capitalista fortaleceu o poder burguês e provocou a mudança também na política educacional na Europa do final do século XVIII e no início do século XIX. No bojo deste processo, em

detrimento ao ensino de cunho privado e religioso professado pela igreja, surgiram os movimentos em favor da instrução gratuita, laica e obrigatória.

Era o primado da fé dando lugar ao primado da razão. No entanto, apesar da existência da educação pública na antiguidade, somente no mundo moderno pode-se conhecer uma estrutura pública de formação docente (SILVA. A, 2010).

Com a chegada da primeira república o ensino começa a ficar moderno dando espaço a novas experiências escolares e novas formas de ensino, fundamentadas pelo poder da razão como cita a autora acima a igreja sai de campo e começa a dar entrada ao saber sem medo de ser julgado pela igreja e por sua cultura retrograda e mal difundida pelo menos nas questões do ensino graças a chegada da escola normal com suas novas técnicas de ensino a difusão dos ensinamentos ficaram modernos e promissores, pois o ensino era elevado ao ensino mútuo e possibilitava alunos e professores a se profissionalizarem e se aperfeiçoarem no novo meio de ensino.

Dermartine (1991) afirma que em 15 de outubro de 1827 foi sancionada uma lei que dá o direito a mulher estudar. A Escola Normal, representava uma das poucas oportunidades, se não a única, das mulheres prosseguirem seus estudos além do primário. A escola tinha suas vantagens antes as mulheres não tinham acesso algum à educação a não ser a de cuidar de seus filhos e educá-los para uma sociedade cheia de preconceitos onde a família era julgada pelo seu meio de cultura e suas crenças. A mulher no senso popular já tinha antes o dom do ensino pois já educavam seus filhos em suas casas mesmo antes de terem acesso a escola elas já desempenhavam o papel de educadoras sem terem idéia do feito realizado por elas.

A partir daí, a mulher de elite logo foi identificada como agente disseminador de um comportamento moralizante desde o convívio familiar; preparando os filhos para vida em sociedade e ainda acompanhando o marido. (SILVA A, 2010).

Mesmo com a criação da Escola Normal em 1835 e o seu fechamento em 1851 não houve matrículas de nenhuma mulher, só mais tarde com sua reabertura.

2.3.1 O Preconceito

Em parte a mulher ainda sofria preconceito pela sociedade com salários mais baixos e com a falta de incentivo, mais uma vez a mulher é oprimida e submetida a discriminação social.

Na verdade, a falta de espaço para preparação da mulher no magistério era consoante com a discriminação sofrida pelo sexo feminino em todos os aspectos de sua vida social. Na educação a discriminação dava-se inicialmente mediante a prerrogativa da diferenciação de currículo em relação ao que era oferecido nas escolas primárias masculina (SILVA. A, 2010).

As matérias eram diferenciadas para as mulheres e para os homens. Para as mulheres eram dadas o ensino das humanas e aos homens das exatas. Também tinha a questão dos salários proporcionados a cada um, os dos homens eram mais altos do que os das mulheres. Mesmo assim a procura pelos cursos de normalistas ultrapassou um numero bastante expressivo muitas mulheres procuravam a escola Normal para se escreverem, já a procura dos homens eram poucas.

A lista de alunos inscritos para o primeiro ano do curso demonstra bem esta realidade: cerca de 63% dos alunos da Escola Normal (no ano de 1892), eram moças. Desde 1892 até o ano de 1907, 49 alunas e 6 alunos tinham concluído o curso oferecido pela Escola Normal. Deste total, apenas 21 exerciam o magistério público estadual. Nota-se, aqui, que o número de mulheres interessadas em atuar no magistério é bem superior ao dos homens (SILVA A, 2010).

O legado de professor de magistério era feito por maioria das vezes pelas mulheres devido ao preconceito obtido a muito tempo atrás a mulher era sujeita a uma ma remuneração salarial com baixo poder aquisitivo.

Como determinação de sua época, a profissão de professora esteve circundada por valores determinados. No entanto alguns pesquisadores apontam para utilização da idéia de sacerdócio como fator explicativo do baixo salário da profissão e pouco investimento na educação publica a fim de desvelar o conceito de vocação, alguns estudos admitem que ele fosse utilizado como mecanismo de legitimação do preconceito como o sexo feminino. Trabalhar como professora e se sujeitar a uma baixa remuneração faziam parte do perfil vocacional das mulheres (SILVA. A. 2010).

2.3.2 A sociedade republicana

É bastante importante ressaltar que com a chegada da Republica a Federação representava a tomada do poder, que por meio destas federações os grupos familiares a agencia da Federação como fonte de poder sobre a economia e a política. No período da Primeira Republica ou Republica velha como era chamado e

notório o crescimento da população devido a imigração de italianos, portugueses, espanhóis para o Brasil. Era mais fácil o governo da época estimular a vinda destes imigrantes para o Brasil pois a mão de obra era barata e eles não questionavam o trabalho. Esses imigrantes foram fundamentais para os novos rumos da economia e educação brasileira (LINHARES, 1990).

3 GÊNERO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ÂMBITO ESCOLAR

Atualmente é bastante comum os professores questionarem nas escolas a questão de relação de gênero. Na concepção de alunos dentro das instituições de ensino, o professor de educação física fica sujeito a rever alguns conceitos sobre o método de prática de algumas modalidades esportivas no meio educacional e também o meio de sociabilizar estes alunos. Geralmente o conceito visto por vários educadores é um sinal que vem desde nossos antepassados onde homens eram colocados como seres fortes e superiores a mulheres enfim estes conceitos eram impostos pela sociedade e até hoje nos dias atuais também fazem julgamentos sobre a questão de fato importante para a criação de alunos menos preconceituosos diante do sexo oposto.

Laqueur (pag. 74, 2001) argumenta que:

“A hipótese que sustentamos é que as identidades do masculino e do feminino são realidades socialmente construídas. É a sociedade quem cria padrões do feminino e do masculino que são considerados “normais” ou “desviantes”. Os conteúdos atribuídos, à oposição masculino/feminino não são decorrentes da dimensão biológica dos seres humanos, mas variam de cultura para cultura”.

A temática crucial aponta a questão cultural e social de cada geração em várias épocas e diferentes tipos biológicos logo podemos afirmar segundo a citação acima que a sociedade cria os padrões sob a formação de cada indivíduo. É importante afirmar que dentro das escolas os professores podem tomar a frente fazendo um plano de aula diversificado e conscientizando os alunos que cada um tem suas diferenças e fraquezas respeitando o estado físico e psíquico de cada indivíduo.

É bastante comum nas escolas os alunos terem dúvidas nas relações entre grupos. Ficando na dúvida se convida o colega do sexo oposto para participarem de um jogo. Assim várias vezes preferem por não convidar. O papel do educador físico é avaliar e lidar com situações nesse sentido dentro das aulas para assim poder dar

um norte a alunos que se dividem entre um esporte e outro formando assim uma parede entre ambos.

Estudos recentes sobre a questão de relações de gênero mostram que este assunto já vem sendo aplicado desde a educação infantil, pois é nessa faixa etária que começa a formar a personalidade da criança (AZEVEDO, 2003).

É importante ressaltar o papel do professor nesta idade, pois ele será a ligação da criança com os primeiros conceitos de gênero, depois disso é um trabalho mútuo e contínuo e interessante para que a criança consiga assimilar a importância do gênero e suas implicações em suas vidas desde a educação infantil a vida adulta.

Cada série tem sua preparação e cada uma dá ênfase a uma fase vivenciada a cada momento não só pelos educadores como para as crianças.

Azevedo (2003) realizou uma pesquisa no Rio de Janeiro com intuito etnográfico em uma unidade de educação infantil que visava às brincadeiras e brinquedos de crianças de zero a seis anos de idade notou-se que cada criança tinha formas de representação tradicionais de gênero que se constitui de desigualdade e discriminação entre meninos e meninas e interferir no processo de formação das identidades das crianças, fazendo-se necessário a desconstrução dessas representações e relações baseadas na díade gênero/poder, no âmbito da educação infantil. Nota-se com muita clareza que desde a educação infantil de meninos e meninas há sim uma representação muito forte do gênero e a discriminação desde a infância do sexo oposto.

Pode-se constatar que o cotidiano do ensino pré-escolar encontra-se repleto de representações tradicionais de gênero que podem interferir no processo de formação das identidades das crianças, cada criança tem um cotidiano e nesta convivência contínua necessita de uma representação favorável ao processo de aprendizagem da criança. Percebe-se que o ambiente é propício e causa certo tipo de influência sobre a criança durante o período letivo. O ato de brincar de lazer traz à tona um emaranhado de observações onde se começa a formação do gênero infantil, brincadeiras começam a se rotular inclusive o que se pode entender sob brincadeira de menino e brincadeira de menina (AZEVEDO, 2003).

Brougère (1995) discute a questão de imagens e representações diversas da cultura. Ele associa brinquedo e cultura, considerando o primeiro como o produto de uma sociedade de traços culturais específicos e revelador da própria cultura.

O brinquedo esta inserido em um sistema social e é portador de funções sociais e de significados que remetem a elementos do real e do imaginário das crianças. Nota se claramente que as brincadeiras, os brinquedos, o jeito de se brincar, tudo esta relacionado com o meio e isto acarreta certo tipo de formação do ser da criança e de seus costumes.

Brouére (1995) menciona os brinquedos produz um mundo específico marcado pelo exercício, pelo fazer de conta, pelo imaginário. A criança pode, sem riscos, inventar, criar, tentar nesse universo. Vários fatores contribuem para formação de um individuo principalmente o seu mundo.

[...] as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas sim uma parte do povo e da classe de que provém. Da mesma forma seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e especial; são, isso sim, um mudo diálogo simbólico entre ela e o povo (BENJAMIN, pag. 70, 1984)

A criança tem um dom de imaginação de criação de transformação do ser, um mundo mútuo.

Segundo Benjamim (1984) defende o natural, os brinquedos feitos pelas crianças e adultos sem distinção, o imaginário de uma arte de crianças que criam suas próprias brincadeiras e produz seu próprio brinquedo sem influencia do capitalismo.

3.1 O conflito de gênero nas aulas de educação física diferenças e semelhanças

Nas aulas de educação física a muitos conflitos principalmente na pré - adolescência onde começam as duvida sobre o adolescente suas escolhas, conflitos, identidade, o adolescente nesta fase tem varias duvidas dentro de si sobre o futuro, sobre o sexo. Tais conflitos pessoais para o contexto da educação física em muitas escolas devido a cultura diversificada e mestiça de nossos antepassados e devido a sociedade que a cada dia torna mais exigentes e explora cada vez mais o meio vivido por estes adolescentes devido aos meios de comunicação que distorcem a realidade destes adolescentes.

Na escola é onde os jovens mais sofrem psicologicamente devido ao grande numero de adolescentes com variante cultural, religiosa que são conflitantes com suas diferenças entre gênero.

Em muitas escolas adotam formas de pratica de exercícius, destas praticas são subdivididas entre meninos e meninas na maioria das vezes estes meninos sofrem algum tipo de influencia do meio e em matéria de esportes o futebol ganha uma atenção especial.

Moura (2005) discute o futebol como área reservada masculina entendendo como processa a construção dos papéis sociais de homens e mulheres nas interações das práticas do futebol. Para os homens, o futebol organizou-se na principal experiência de validação da masculinidade. E, às mulheres, coube o papel de auxiliar os homens, torcendo em função de laços sociais próximos e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol.

Já Gollner (2000) afirma que para as mulheres praticarem o futebol é quase que tem de haver uma autorização especial masculina para a realização da prática, pois os argumentos para a não prática do futebol pelas mulheres, vinculados e reivindicados cotidianamente, considera um esporte violento e por requerer um nível de preparação física e técnica pode ferir o corpo feminino implicando na saúde reprodutiva, na maternidade, nos aspectos estéticos, padrões de beleza e feminilidade.

Ha uma grande necessidade de se obter nestas escolas, tanto publica quanto a rede privada de ensino, um estabelecimento de mudança destas praticas e diversificar o meio educacional. Divulgando novos projetos de esportes e quando deve jogar estes esportes separadamente, assim como quando não a necessidade de separação. Levando em conta as diferenças físicas e hormonais de cada gênero.

As relações de gênero, como aprendizagem social, adentram o campo do conhecimento, Educação Física, no espaço escolar. Neste tempo/espaço, portanto, assumem um papel de importância encarando os conflitos e tensões que ocorrem como um campo de intervenção no/para o conhecimento das aprendizagens das praticas sociais (BRACHT, pag. 80, 1992).

E importante considerar os conflitos que acontece entre a sociedade e ficar atento ao papel do educador físico dentro da escolar.

Para Louro (2003) a educação física é uma disciplina que sempre teve uma preocupação com a sexualidade das crianças. A visão da masculinidade do menino no esporte sempre foi muito valorizado, quanto para as meninas o contato físico no jogo e a agressividades vão contra a feminilidade das mesmas. A primeira vista a

preocupação do educador físico vem justamente em cima da força física exercida nos esportes que exigem muito esforço físico claro que as mulheres têm menos força física que os homens isto e a diferenciação de cada um não queremos aqui abrir uma discussão sobre o assunto e sim esclarecer que diferentemente da força física aplicada a cada exercício a menina também pode realizar esportes que é considerado para meninos e claro com adaptações a personalidade e força de cada um o objetivo da escola e a promoção da atividade física como um todo visando a pratica de esportes saudável e mutua para que todos possam participar em comum acordo. É necessário que aja a desmistificação da expressão futebol para meninos e dança para meninas.

Nas aulas de educação física é importante mencionar o ensino misto entre meninos e meninas, mas se deve manter um parâmetro entre cada gênero. Os educadores físicos devem propor momentos de aulas mistas e quando elas são interessadas para o bem físico e mental de cada aluno por se tratar de uma idade em que os hormônios afloram bastante.

Nesta época, a adolescência passa por grandes conflitos, cabe ao educador saber o momento certo que estas aulas poderão ser mistas.

Para Saraiva (1999) a concepção de um sistema de co-educação, meninos e meninas recebem atenções que podem ser vivenciadas sob um olhar de compreensão de diferentes manifestações. O modo de agir no meio esportivo é uma pratica de grande valia para uma nova visão de ensino. Sendo que algumas escolas já pregam o sistema de educação mista e nem sempre as escolas pregam a risca o sistema de co-educação sendo assim o ensino misto não é vistos em escolas como co-educação e sim como aulas mistas.

Pereira (2004) em seu estudo revelou que as aulas de educação física, por decisão da escola são mistas, porém nas atividades e nas brincadeiras as crianças se separam por sexo, ou seja, repetem o comportamento retrogrado se dividindo por sexo. Os meninos tendem ficar em espaços diferentes das meninas devidos à diferença de interesses, não são aulas co-educativas são apenas aulas mistas. Significa que o modelo de aulas mistas foi criado com um intuito de desenvolver as diferentes formas de ensino entre meninos e meninas porem cada aluno tem um desenvolvimento diferenciado fazendo por si próprios uma divisão entre as aulas ministradas. A base de cada um é realmente a questão do sistema de cada família, a escola junto aos professores deveria promover a co-educação, visando o respeito

a cada um e as suas diferenças. Se fizer uma comparação entre os meninos e menina dentro da concepção escolar irá obter um senso normal e comum se entre os meninos também a certo tipo de competição entre as meninas também tem um certo tipo de competitividade muito forte e intenso.

Myers (2000) menciona que dentro das formas menos violentas de agressão mulheres não são menos agressivas do que os homens.

Para Rodrigues (2001) a intencionalidade da ação por parte do agente da agressão só se caracteriza como agressivo o ato que deliberadamente se propõe a infligir um dano a alguém.

Por essa razão, é importante que, no âmbito escolar, as questões de gênero sejam questionadas e discutidas. Nesse ínterim, o estudo do cotidiano escolar se coloca como fundamental para se compreender como a escola desempenha o seu papel de socialização, seja na transmissão dos conteúdos acadêmicos, na vinculação das crenças e valores que aparecem nas ações, interações, nas rotinas e nas relações sociais que caracterizam a vivência escolar. É nesse ambiente que estão inseridas a aula de Educação Física, nas quais as identidades de gênero são continuamente formadas e por sua vez, deformadas (NAVARRO, 2007).

Navarro (2007) já previa a questão de gênero e suas discussões, o desempenho do papel das escolas, o interessante e que geralmente meninos e meninas já tem uma opinião formada dentro dos padrões culturais, as discussões entre meninos e meninas nas aulas de educação física se tornam cada vez mais freqüente. As diferenças mais comuns entre ambos os sexos é a questão física, o homem criado como sendo forte e robusto, a mulher criada para ser mãe e frágil desde os primórdios da antiguidade, esta concepção mudou, não na força bruta física e sim no pensamento e nas questões pessoais de cada um. A mulher hoje consegue obter uma superação maior dentro do senso comum principalmente no requisito de alguns empregos que antes eram ocupados somente por homens, dentro das escolas não esta sendo diferente, as meninas se sente no direito de obter seu espaço dentro das aulas de educação física e isso gera certo tipo de desconforto e conflitos entre meninos e meninas.

Segundo Altimann (1999) as concepções das alunas e dos alunos nas aulas mistas de Educação Física são entendidas através dos silêncios e das suas posturas assumidas. Posturas essas que são reformuladas entre si cada um toma uma atitude que acha correto entre o ambiente formado dentro do colégio, cada

adolescente age diferentemente de acordo com o gênero, os garotos tomam postura totalmente diferente de cada menina, alguns são mais fechados e introspectivos, outros são mais saídos e de fácil comunicação. Dentro das escolas os meninos que são mais saídos e tem o nível de comunicação bom entre os colegas este se sai bem melhor dentro da sala de aula e principalmente nas aulas de educação física e mantém uma ascensão quase superior aos outros colegas de classe que não são tão bons. O preconceito não ocorre entre meninos e meninas ocorrem sim entre o mesmo gênero.

Souza e Altmann (1999) analisam que a idéia de gênero está relacionada às diferenças biológicas entre os sexos, porém homens e mulheres também poderão ser classificados socialmente por outras características, como idade, raça, etnia, classe social, peso, altura, habilidades, entre muitas situações que ocorrem em diversos espaços sociais que incluem a escola e as aulas de Educação Física. Se observarmos a instituição escolar, muitas são as situações distintas e até mesmo sexistas que podemos pontuar, pois a cultura escolar está longe de ser imparcial e reflete o modelo como as relações sociais de gênero são formadas, produzidas e configuradas socialmente.

Alguns meninos não são super atletas e procuram outros meios de se interagir nas aulas de educação física procurando outros esportes não tão convencionais, para alguns meninos que procuram a dança ao invés da pratica de esporte como o futebol, basquete ou handebol.

Capri (2009) afirma que os processos de sociabilização e aceitação do gênero masculino com a dança é complexo, sutil e marcado por inevitáveis resistências individuais e coletivas, bem como por profundas contradições. Neste caso a intenção conservadora lógica, presente nas sociedades para reportar comportamentos, valores e idéias, conflita-se com a tendência, que busca mudar os caracteres dessa formação social que se demonstra desconfortável para alguns indivíduos. Não são somente meninos que sofrem preconceito de se fazer algo que não é natural na sociedade, dentro das escolas muitas das vezes outros meninos por não achar comum a pratica da dança ao invés de apoiar, os julgam. A responsabilidade não é somente dos alunos ou da escola e sim da formação social que tiveram de seus pais e da sociedade. Muitos alunos vêem a dança como uma pratica totalmente feminina, porem a dança é uma expressão corporal e pode ser praticada por ambos os sexos.

Capri (2009) comenta que a dança é potencialmente poderosa, pois se assemelha à linguagem. Dançar é uma forma de comunicação não verbal, tem seu vocabulário, suas normas e suas semânticas, provida de significados. A dança pode transformar complexas sensações interiores e alicia as pessoas para a aceitação, à tranquilidade para o despertar. Outros esportes são estereotipados a pratica masculina e que meninas não são bem vistas praticando sendo subjugadas por praticar algo que é considerado um esporte masculino, como o futebol. As meninas são julgadas não apenas por praticá-lo, mas sim as julgam pelo que estão vestidas. Logo ao vêem algo novo e diferente dos padrões sociais, fazem um julgamento errôneo e precipitado destas meninas, esquecendo que elas estão somente praticando um esporte que favorece ao corpo e a mente.

Segundo Simões e Knijnik (2004) e Deivid *et al* (2008), o esporte de alto rendimento na sociedade brasileira tem sido um espaço em que as mulheres têm marcado presença, com aumento da participação. Contudo, ainda são comuns julgamentos sobre sua beleza estética e sensualidade, mantendo em segundo plano a sua capacidade atlética, valores socioculturais que já deveriam ter sido superados. Neste caso, a inserção das mulheres no futebol não suprimiu os preconceitos circulantes, pois ainda travam uma batalha constante para manterem sua permanência neste esporte, que em nosso país tem se mantido pelos próprios esforços e habilidades técnicas das jogadoras, que movidas pelo amor a esta prática esportiva, mantêm-se ativas como atletas.

3.2 Hormônios a flor da pele

Entre meninos e meninas principalmente na pré-adolescência é comum ter dúvidas sobre tudo inclusive sobre o que é importante na vida futura pessoal. Onde ocorrem com frequência esses tipos de duvida é dentro das escolas, não é fácil para o professor lidar com esta fase, porem o professor deve tomar uma postura diferente do que está habituado. Entretanto o adolescente passa a formar uma visão do ser, uma visão do 'Eu' interno que ha em cada um.

Sousa (2010) faz uma análise do 'Eu' onde relata que a noção do 'Eu' só pode ser entendida a partir da teoria do funcionamento mental, que do ponto de vista da teoria freudiana, os processos mentais são regulados pelo princípio de prazer. O

objetivo do aparelho neuronal é liberar as tensões acumuladas por estímulos internos (endógenos) e externos (exógenos). Freud relaciona o prazer e o desprazer à quantidade de excitação existente neste aparelho. Corresponde ao prazer a diminuição da quantidade de excitação e ao desprazer o aumento dessa quantidade. O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio de prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início.

A ligação do 'Eu' com questão de gênero explica o porquê de meninos e meninas ter atrações físicas e experiências novas em seu cotidiano, analisando por este lado começa a se formar a atenção que os meninos dão as meninas e vice e verso nesta fase onde tudo esta se formando começa a afeição, a questão do desejo. Começa então a formar seres mais pensantes voltados pro lado afetivo e prazeroso. É aí que entra o papel dos professores orientando aos adolescentes a estarem convivendo com certos tipos sentimentos e descobertas e a conviverem dentro das aulas de educação física em comum acordo respeitando o sexo oposto. Assim começa a formar um adolescente maduro pronto para aprenderem a controlarem seus desejos.

A questão hormonal faz com que os professores fiquem mais atentos e ligados, pois como Sousa (2010) cita acontece o surgimento do despertar do prazer. Esta é a fase onde o professor terá que desenvolver métodos cautelosos com certo tipo de cuidado e que se torna crucial para o desempenho de uma boa formação psicológica e que não gere tipo de preconceito entre estes alunos sobre a questão de gênero, possibilitando assim um conforto futuro a estes alunos, proporcionando que cada um tenha uma opinião firme e comportada quando começarem a realizar as praticas esportivas nas aulas de educação física.

A forma de abordar dentro das aulas de educação física é informando a estes alunos a questão do momento certo de cada os momentos que precisam ser respeitados, diferentemente do sexo cada cidadão tem seu momento intimo.

A forma com que estes alunos recebem estas informações vai da forma em que é passada pelo professor, que poderá ser feita com auxilio de filmes, palestras educativas ou amostras culturais.

O importante é não deixar de lado a questão social, lembrando que a cultura de cada estado, cidade ou de um pais deve ser bem resguardada e respeitada, pois é algo que não se pode ir contra mas pode tentar abrir novas formas de vivenciar harmoniosamente.

4 A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Esta temática se trata da questão de gênero. Muitos professores questionam o relacionamento de meninos e meninas dentro das aulas de educação física e fazem um parâmetro onde logo se vê as diferenças aumentando ao invés de diminuir. Podemos notar que com o passar do tempo se não tomadas certas atitudes poderá se tornar uma questão bastante difícil de lidar, se hoje em dia já não esta fácil, a tendência e um mundo cada vez mais globalizado e competitivo.

O gênero entra no ramo da educação física todos os dias em todas as situações como meio direto e indireto no cotidiano de alunos e professores. A educação física tem grande influencia na questão do gênero principalmente na questão da formação do aluno, que implica varias personalidades próprias como caráter, disciplina e o comportamento dentro da escola.

A família entra como fonte de apoio na questão do reforço adquirido nas relações de gênero, pois nela começa a questão cultural e educacional proposta aos seus filhos, podendo contribuir para uma formação harmoniosa dentro da escola e também em casa.

De acordo com Kuns (1994) o esporte dentro das aulas de educação física vem sendo um forte fator de exclusão entre os gêneros. Não só o esporte, mas também a forma como outras culturas do movimento (teatro) são desenvolvidas e também para quem elas são desenvolvidas. Podemos concordar que a questão de gênero tem uma dependência de expressão cultural e também dentro das aulas tem certo tipo de exclusão.

Atualmente nota-se que a sociedade tem sobressaído entre o fator de gêneros nas aulas de educação física, mas ainda passa por uma grande mudança estrutural e comportamental. Entretanto poderemos nos amparar em uma sociedade e sua influencia que tem no meio educacional, a sociedade exerce um papel dinâmico e muito influente dentro do cotidiano do aluno onde cada um reage de uma maneira diferenciada formando um caráter de posse única e distinta.

A influência do gênero no contexto educacional leva a interpretação de uma nova visão sobre como contribuir na formação de alunos, principalmente no conceito pessoal de cada um, questionado como ajudar estes alunos na sua formação profissional e como formar um cidadão coerente, com caráter confiável, utilizando a união tanto de meninos como de meninas para conseguirmos criar um conceito favorável de cidadãos de pensamentos diversificados porém sem preconceito.

Um local e ambiente saudável onde meninos e meninas podem obter um tratamento saudável dependendo do ambiente e da situação criada, pode se obter resultados favoráveis nas questões sociais e educacionais.

Toda criança procura um ambiente saudável e sem discriminação, vivendo em plenitude independente da diferença.

A criação de um ambiente educacional e social onde o gênero feminino e masculino sejam tratados igualmente, respeitando a liberdade de pensamento, de consciência, de religião e de crença, e onde os recursos educacionais promovam imagens não estereotipadas de homens e mulheres pode ter resultado efetivo na eliminação das causas da discriminação contra as mulheres e de desigualdades entre as mulheres e os homens (AUAD, 2005 apud ONU, 1995).

Auad (2005) enfatiza que o preconceito não é gerado somente entre os alunos das escolas, mas também entre os professores que ali estão se cada um tiver a noção do conceito do professor, que é ensinar, não implicaria o gênero e sim o conhecimento de si próprio, suas dimensões e limitações. Entender que a criação de um cidadão segue primeiramente o exemplo de cada professor ou professora ou modo de se expressar cada um tem um sentimento único e próprio de como lecionar como ensinar cada qual o seu modo. cada um de um jeito temos o dever de respeitar e impor o respeito não com agressividade mas sim passividade redobrando assim a atenção sobre o modo e a maneira de como envolver estes alunos dentro do contexto de gênero devemos abrir mão do preconceito de si próprio saber que cada um tem a possibilidade de como ser diferente e como fazer a diferença dentro dos centros educacionais.

Em algumas situações os alunos não conseguem manter um ciclo de amizade, um dos motivos seria o comportamento diferenciado das meninas com o dos meninos. O que não dá o direito de diferenciar os seres humanos, muitas das vezes meninos ou até mesmo as meninas fazem uma alusão diferente devido ao estereótipo de cada um.

A realidade é bastante diferente quando se trata da questão de formação do caráter pessoal, cada um se expressa diferente diante de uma determinada situação. Um exemplo claro é no recreio, onde os meninos procuram se sobressair mais com outros meninos e formam grupinhos diferenciados mas raramente tem a presença de uma menina nestes grupos, e quando tem são em memória, assim observa também comentários não muito agradáveis sobre a minoria que ali se encontram e muitas são motivos de comentários do tipo indiscretos e que na maioria das vezes fere a moral e o caráter destes pois estão sendo subjugados sobre o estilo diferente de ser de agir diante dos fatos.

Segundo Mayer e Krebs (2000) após a realização de uma pesquisa em 357 escolas, na faixa etária entre 07 a 14 anos que o momento do recreio é onde crianças mais sofrem agressões verbais. É uma realidade cruel que ocorre com frequência e podemos associar este tipo de reação às diferenças de opiniões e distinções, afinal os alunos estão na fase da vida composta por várias manias e começa a escolher. Esta é uma fase em que requer mais atenção e colaboração do corpo docente das escolas públicas e particulares, a proposta seria a implantação de atividades diferenciadas em que os alunos possam interagir entre si, levando a diminuição dos níveis de agressividade. Algumas escolas implantaram sistemas que no durante o recreio escolar colocam atividades como brincadeiras, jogos de tabuleiro e música, assim possibilita a distração é o principalmente a interação entre.

4.1 A importância do espaço físico escolar

O espaço da escola influencia muito as condições dos alunos e dos professores, pois o espaço físico da escola é onde ocorre a maioria das atividades físicas e sociais e é onde os alunos dividem um ambiente social. Percebe que durante o comportamento dos adolescentes há dificuldade em comunicar e se entenderem.

As dificuldades sofridas são parte do meio em que se encontra as atividades, onde na maioria o espaço é planejado, sendo a quadra de futebol dos meninos, e a quadra de vôlei das meninas. Este espaço diferenciado não deveria existir pois aumenta ainda mais o preconceito entre meninos e meninas fazendo certo tipo de divisão.

Juliano (2003) afirma que o espaço é organizado pela 'lei da selva', ou seja, os mais fortes decidem quem pode ou não jogar. Nas aulas de educação física percebeu-se que são sempre os mesmos alunos que jogam, e no máximo seis jogadores em cada equipe.

O espaço em que Juliano (2003) se refere é o espaço onde meninos e meninas se dividem para atividades que poderiam ser feitas em conjunto, mas respeitando a capacidade de cada um lembrando que existem as diferenças, tanto biológicas quanto físicas.

Sem perceber alguns professores colaboram para a divisão. É difícil perceber quando esta discriminação acontece até mesmo por um motivo cultural ou social, lembrando que vivemos em uma sociedade totalmente crítica e em um mundo que exige bastante de todos, até mesmo porque a cada dia que passa se torna mais competitivo e exclusivo vivermos em uma sociedade em estado de evolução de novas idéias, costumes e crenças onde a cada minuto surge algo novo e impactante.

A discriminação acontece na maioria do tempo dentro da própria escola, o jovem tem uma necessidade de mostrar, contar e demonstrar a superioridade, assim acabam por quebrarem algumas regras básicas: muitos jovens estão esquecendo que vive em um mundo de pessoas civilizadas, com um padrão de vida que cabe ao ser humano, esquecendo do respeito, humanidade e caráter.

Os jovens esquecem que são seres que possuem dádivas, estas com um propósito único de viver de maneira sadia e harmonizado. E cabe a cada um distinguir a capacidade de se doar. As pessoas esquecem os valores, a postura e as crianças estão se perdendo em um mundo de modernidade e facilidades desrespeitando o espaço do próximo e suas diferentes crenças e costumes.

Vale lembrar que é na sociedade onde as características sexuais femininas e masculinas são construídas e representadas, portanto, ao chegarem à escola, meninas e meninos já percorreram um caminho social de convivência e incorporação dos valores de sua cultura. Sabem a que gênero pertence e na maioria das vezes, o que se espera deles nos papéis feminino e masculino. Em muitos casos, estão impregnados das velhas concepções preconceituosas sobre o homem e a mulher, construídas com base nas diferenças de sexo (PUPO, 2007).

Não é preciso lembrar novamente que a situação esta cravada desde os primórdios de uma sociedade e que o gênero esta totalmente interligada com o meio cultural não só em nosso país como no mundo inteiro.

Pupo (2007) em um de seus estudos cita o livro de Marimón do ano de 1999, com o título de “Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola”, neste livro Moreno Marimón defende que a escola pode ensinar a pensar, a questionar e com isso apontar para novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo.

Na escola é onde começa a se formar a opinião da criança e se obtém a base para formação futura, nela é onde os alunos começa a ter visão de cidadania e a se formar como seres pensantes.

O futuro e a formação das crianças nos dias atuais esta ligada na maneira em que o cidadão convive com seus obstáculos e medos, os pais são a ponte que liga o aluno diretamente com a escola e mostra o caminho do saber. Assim quando se a uma interação com a escola e família da criança o caminho do saber se abre não somente para a criança, mas também para os pais da criança, fazendo assim um tipo de troca de saberes e um novo começo para cada aluno. Com a integração da família dentro da escola o saber deixa de ser unificado a alunos e passa a formar um novo tipo de cidadão juntamente com sua família a criança começa a perceber a importância que a escola tem sobre a sociedade.

Certamente não deve deixar a escola e o respeito aos seus limites quando falamos de inclusão familiar, não estamos nos referindo que a família tem que esta ligada integralmente com a escola e sim estar interligada com as atividades de seus filhos participando de reuniões, atividades culturais, atividades de jogos esportivos, competições e varias outras formas.

Lembrando que o a influencia do gênero em nossas vidas começa desde da infância onde já distingui-se alguns valores, entretanto pode-se mais uma vez afirmar o grande papel que a família exerce nesta formação.

Costa (1998) afirma que os papéis sociais de gênero são aprendidos na infância e se sedimentam na juventude.

Pode assim chegar à idéia de que na infância começa a criar um adolescente prospero e um ser pensante com ideologias para uma convivência em um grupo social ou uma convivência múltipla. Se os pais tomarem nota do quão importante e a formação desta criança na infância evitaria alguns aborrecimentos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluí através deste estudo que as relações de gênero nas aulas de educação física são influenciadas pela cultura que remetem o contexto histórico. Onde mostra a mulher é o homem com diferentes funções. Tendo como função da mulher os afazeres domésticos e do homem a manutenção e proteção da família.

Desde então, nota-se que a uma separação dos gêneros. Levando a duvidas sobre qual gênero seria de maior relevância.

Não obstante, pode perceber através do presente estudo bibliográfico que não há um gênero de maior destaque e que tal conceito foi criado a partir das diferentes obrigações imposto pelo período colonial onde o homem assumia o posto mais popular que o da mulher.

Com o passar dos tempos, nota-se que a mulher assumiu o posto igualitário ao homem. Passando por vários obstáculos como a busca de escolas com intuito de ensinar verdadeiramente.

Pode notar que deveria ser de comum crescimento a percepção da igualdade do gênero nos aspectos morais, no entanto ainda encontra na sociedade pensamentos arcaicos.

Não claro, desconsiderando as diferenças biológicas existentes, onde os aspectos hormonais são destacados, visto que dão a característica do homem de ter o porte físico maior que o da mulher.

Nas escolas existe uma separação normotica de grupos, o principal aspecto a diferenciá-los é o gênero. Ficando separados os meninos das meninas.

Durante as aulas de educação física, deve ter praticas conjuntas e separadas, de acordo com o tipo de esporte, as diferenças físicas e a intimo contato entre os gêneros. Ficando a critério do profissional de educação física.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Edições Melhoramento, 1971. 809 p.

ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: editora UNESP, 1998. 225 p.

ALMEIDA, A. F.; HARDY E. Vulnerabilidade de gênero para. Paternidades em homens adolescentes. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, v. 41, n.4, p. 565;2007.

ALTMANN, H. **Exclusão nos esportes sobre um gênero**. In: Motus Corporis. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho. 2002

AUD, Daniela. Relação de gênero e sexualidade: um caminho para a construção da igualdade. 18 setembro de 2005.

<http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&catid=4%3Aeducacao&id=18%3Aformacao-de-professoras-relacoes-de-genero-e-sexualidade-um-caminho-para-a-construcao-da-igualdade&Itemid=15>. Acesso em: 12 novembro de 2010.

BEJAMIN, W. Origem do drama barroco Alemão. **Tradução, apresentação e notas de Sergio Paulo Rouanet**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, A. L. V. SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 499/507, 2005.

CLARETIANO. O ensino de história do Brasil no período imperial. **Revista do Centro Universitário, Batatais**. n. 2. jan/dez. 2002.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**. Vol.20. Porto Alegre. 1995.

CUNHA, Junior; CARLOS, Fernando. As relações de gênero e o cotidiano do professor de educação física: Em prol de uma pedagogia não-sexista. In: Melo, Víctor Andrade. **1º encontro fluminense de educação física escolar**, 1996, Niterói. Anais. Departamento de educação física e desportos, 1996

DEBRET, J.B. **Viajem pitoresca e historia do Brasil**. Ed. São Paulo. 2 vol. 1975.

DEL PRIORE, Mary. A mulher na história do Brasil: Raízes do Machismo Brasileiro, **A mulher no imaginário social, “lugar de mulher é na história”**. São Paulo: contexto, 1999

FERREIRA, Jose Vieira. Desembargador “Legislação portuguesa relativa ao Brasil”. Revista. Inst. **Historia e Brasileiro**, 105:215, 1929.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. São Paulo: Jose Olympio, 1975.

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. O gênero: Confronto de culturas em aulas de educação física. **Ciência do esporte**, Santa Maria, v. 15, n3. 1994

LOPES, Helaine Marta Teixeira. Pensar, categorias em história de educação e gênero. **Projeto historia**. São Paulo, n11, 1994
LOURO , G. **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis. Editora: RJ Vozes.

_____. **Evolução da educação escolar no Rio grande do Sul** (a educação feminina no instituto de educação de Porto Alegre). Campinas: UNICAMP, 1985

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 2003

MORENO, M. **Como se ensina a ser menino: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

NUNA, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de janeiro: Carvansarai, 2003.

PELLOSO, Sandra Marisa. **Sexualidade e gênero: um estudo com adolescentes em um município de pequeno porte do Noroeste do Paraná**. 25 de agosto de 2008.

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/viewFile/552/552>>.
Acesso em 12 novembro de 2010

PRADO JR., C. Evolução política do Brasil. **Colônia e império**. Ed. São Paulo: Brasiliensi, 1985

PUPO, Kátia Regina. Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do gênero. **Sob a perspectiva do gênero**. Faculdade de Educação USP, São Paulo.

SILVA. A mulher e a educação no contexto republicano: a profissionalização feminina no magistério primário. Julho de 2010. http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/portal/conteudo/externas/2cpehmg/arg.ind.nom/e/eixo5/completos/mulher_e_edu.pdf. Acesso em: 13 de novembro de 2010.

SILVA. Marlete dos Anjos. **Profissionalização do magistério feminino: uma história de emancipação e preconceitos**. Junho de 2010. <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0217tpdf>>. Acesso em: 22 de setembro de 2010.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v.20, n.2, 1995

SOUZA. R. S. **Tempos de Civilização**: a implantação da escola primária no estado de São Paulo (1850-1910). São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1958. 285 p.

YEDDA, Maria Linhares. **História Geral do Brasil**. 9 ed. Campus.

WEHING, Arno. **Estado história, memória**. Varn bangem e a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.